

Introdução

Enquanto aluno de graduação nas Artes Plásticas, Raymond Roussel foi um nome que me chamou a atenção no livro *Marcel Duchamp: Engenheiro do Tempo Perdido* de Pierre Cabane (2006). Duchamp me fascinava pelo seu universo criativo e descobrir que o mesmo citava Roussel como um artista primordial para algumas de suas obras ou mesmo como propulsor na invenção do seu famoso pseudônimo com duplo significado, como *Rose Sélavy*, deixou-me intrigado, pois acreditava que Duchamp era um precursor e não um seguidor das ideias de outros artistas.

Fiquei ainda mais intrigado com esse nome quando li outro livro, o da historiadora da arte Rosalind Krauss (1998), *Caminhos da Escultura Moderna*, no qual dedicava parte das influências do artista Duchamp e dos movimentos surrealistas e dadaístas advindos de uma apresentação teatral da obra *Impressões da África*. De quem era essa obra? Raymond Roussel.

Apontei o nome nos meus cadernos de anotações para descobrir quem seria esse artista em algum momento e o que ele teria realizado em vida para ser tão importante nos movimentos de vanguarda no início do século XX e para Marcel Duchamp. Fiquei tocado e agitado, mas não ousei em mexer nessa inquietação.

Até que chegou o momento em que decidi fazer um Mestrado. Não pude deixar de olhar as minhas anotações e fisgar o que poderia me fazer mover em um processo de pesquisa. Imaginava que o papel de um pesquisador era o de revelar o que ainda permanecia oculto ou, por outro lado, um objeto que precisava ser exposto e esmiuçado com cuidado e atenção.

Com as anotações do nome de Roussel nos meus cadernos, de forma embrionária e desorganizada, fiquei ainda mais perturbado com a leitura de *Impressões de África*, o livro de sua autoria que chegou até a mim da Argentina duas semanas antes de entregar o anteprojeto de pesquisa. Tarefa árdua, mas

tornou-se realidade em fazer parte do Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio.

O estopim para a perspectiva da minha pesquisa depois de um ano de muitas mudanças estava traçada ao ministrar a disciplina Proxemia no curso de design, na qual adotei um autor que me foi tão caro no trabalho conclusivo na graduação, Michel de Certeau (1998), ao começar a observar as semelhanças entre os campos da investigação da obra de Roussel e do seu sistema de escrita com o campo da disciplina, vislumbrei também um lugar para aplicação para a aplicação da minha pesquisa: a sala de aula, seus alunos e meu duplo papel de professor e de pesquisador.

Este trabalho ganhou um enfoque mais específico que é o descobrimento da dinâmica da escrita do autor francês. A hipótese formulada é de como a utilização de um procedimento de escrita do autor pode provocar deslocamentos de significados em objetos encontrados em nosso entorno. O problema principal foi como aproximar esses dois campos que, à primeira vista, parecem não ter pontos de contato. A metodologia adotada previu uma vasta revisão bibliográfica de autores que abordaram o tema da *proxemia* e também de pesquisar autores e estudiosos que tivessem Roussel como um objeto de estudo.

Antes de começar o levantamento dos autores principais sobre o tema, o capítulo dois tem uma reflexão sobre o duplo vínculo social que possuo com a instituição PUC-Rio e também do outro que está inserido nas práticas das aulas de *proxemia*: os alunos. O fio condutor teórico é o autor Jean-François Lyotard (2011). Após essas considerações, a *proxemia* é relatada segundo a visão de alguns autores principais, como Edward T. Hall (2005) que cunha o termo através de um viés antropológico; Michel de Certeau (1998) através da filosofia e ciências sociais e; por último, Michel Maffesoli (2006), outro filósofo e cientista social.

No terceiro capítulo, finalmente, o escritor Raymond Roussel e o seu *sistema ortogonal de repetições* segundo a definição de Michel Foucault (1999) são explicitados. É neste capítulo em que as afinidades entre os campos de um procedimento de escrita do autor francês e da área da *proxemia* aparecem e são confrontados, segundo os autores investigados.

No quarto e último capítulo, mostra-se o processo de empirismo adotado durante os três semestres em que ministrei a disciplina entre os anos 2011 e 2012, com a escolha de alguns exemplos dos trabalhos realizados pelos alunos. Uma análise deste processo através de algumas categorias e como a conclusão de cada semestre de aula serviu para a criação de um recurso pedagógico que se retroalimenta no ensino da disciplina.

E, ao final, alguns apontamentos que servirão de base para a solidificação de uma empiria que tem sua força motriz no cotidiano e nos objetos que os alunos passam a enxergar na sua conturbada vida contemporânea, além de um ganho de conhecimento teórico mais próximo da sua habilitação específica de design de produto.

Raymond Roussel, o seu procedimento de escrita e a *proxemia* conseguiram formar uma dinâmica que detém a atenção deste trabalho. O autor francês e o seu nome, pouco reconhecidos pelo grande público em vida, ganha nesta pesquisa, uma pequena atenção e, juntamente, com o ensino da disciplina *proxemia*, oferece uma releitura do procedimento que geram pequenos relatos de nossa história cotidiana na sala de aula do curso de design na PUC-Rio.